

Um país com o passo errado

O Brasil continua a estragar as estatísticas da América Latina. No ano passado, segundo o Banco Mundial, o produto regional cresceu 4,3%. Poderia ter crescido bem mais, se a economia brasileira não estivesse afundada numa recessão. Em 1991, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil só aumentou 1,2%, depois de haver diminuído 4,2% em 1990. Neste ano, pode estar subindo entre 2,5% e 3%, por causa da agropecuária. A reação do setor industrial continuou pelo menos até julho, mas ainda é insuficiente para caracterizar uma retomada do crescimento.

A estagnação brasileira é contrapartida inevitável do persistente desajuste fiscal. Enquanto as contas públicas não forem arrumadas, qualquer impulso de crescimento econômico se esgotará, em pouco tempo, freado pela inflação. Na América Latina, no ano passado, a taxa média ficou em 75%, segundo o Banco Mundial. No Brasil, chegou a 1.055% nos 12 meses terminados em agosto, segundo a Fundação Getúlio Vargas. Só neste ano, em oito meses, o Índice Geral de Preços da FGV subiu 414,4%. Os preços ao consumidor aumentaram, no mesmo período,

413,7%, segundo a mesma fonte. No Peru, a inflação despencou de 6.800% em 1990 para 379% em 1991, de acordo com o informe do Banco Mundial. Na Argentina, de 1.900% para 139%.

O desequilíbrio das contas públicas também produz outras consequências importantes. O setor público brasileiro já foi o maior tomador de empréstimos do Banco Mundial, mas não tem conseguido, já alguns anos, conduzir novos programas com financiamento externo. Nos últimos quatro anos, o Brasil pagou ao Banco Mundial US\$ 4,6 bilhões mais do que recebeu. Neste ano, o saldo negativo deve alcançar US\$ 1,25 bilhão. No entanto, o País dispõe, no Banco e numa subsidiária, a Associação Internacional de Fomento, de um estoque de US\$ 5,11 bilhões de empréstimos não desembolsados. O dinheiro não sai porque o País não tem tido recursos para garantir a contrapartida nacional. E isso não é tudo: empréstimo concedido mas não liberado também tem custo. O Brasil, portanto, vem pagando por financiamentos não utilizados. Mas este é um desperdício minúsculo, em comparação com as oportunidades perdidas em dez anos.